

Organização:
Máximo Adó

Microscopias
Docência-pesquisa em exercício-tradução

1ª edição

Porto Alegre
Canto - Cultura e Arte
2022

Série AtEdPo

Organizador | Máximo Adó

Vol. 1 - *microscopias*: docência-pesquisa em exercício-tradução

Coordenação da Série AtEdPo | Máximo Adó

Projeto Editorial | AtEdPo e Estudos do Corpo

Projeto Gráfico e layout | Máximo Adó - Execução: Estudos do Corpo

Diagramação | Wagner Ferraz - Estudos do Corpo

Revisão | Tiago de Moraes

Coordenação Editorial | Wagner Ferraz (Estudos do Corpo) e Diego Esteves

Editora | Estudos do Corpo

Editora parceira | CANTO - Cultura e Arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Microscopias [livro eletrônico] :
docência-pesquisa em exercício-tradução /
organização Máximo Adó. -- Porto Alegre, RS :
Estudos do Corpo : CANTO - Cultura e Arte, 2022.
-- (AtEdPo)
PDF

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 978-65-998129-0-3

1. Criação (Literária, artística etc) 2. Educação
3. Escrita 4. Pesquisa 5. Tradução I. Adó, Máximo.
II. Série.

22-115427

CDD-371.102

Índices para catálogo sistemático:

1. Docência : Educação 371.102

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



INT.# 1 >> Rito inaugural

27 de abril de 2018

Texto de apresentação da atividade inaugural do
“Programa de extensão - AtEdPo 2018”
ocorrida em 27 de abril de 2018, das 09h às 12h
no Prédio centenário da Escola de Engenharia da UFRGS,
com palestra de Sandra Mara Corazza intitulada:
Poética da imaginação na Pesquisa em Educação

A dança dos encéfalos acesos
Começa. A carne é fogo. A alma arde.
A espaços
As cabeças, as mãos, os pés e os braços
Tombam, cedendo à ação de ignotos pesos!

E então que a vaga dos instintos presos
- Mãe de esterilidades e cansaços -
Atira os pensamentos mais devassos
Contra os ossos cranianos indefesos

Subitamente a cerebral coréia
Pára. O cosmos sintético da Idéia
Surge. Emoções extraordinárias sinto

Arranco do meu crânio as nebulosas
E acho um feixe de forças prodigiosas
Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

“A dança da Psique”, Augusto dos Anjos, 1912.

Escolho começar nosso encontro com “A dança da Psique”, de Augusto dos Anjos [EU, 1912], pois há algo dessa “força prodigiosa” que entoa o fazer de nossa Pesquisa. Uma pesquisa que, parece-me, gira em torno do *Cosmos sintético da ideia*.

Pesquisa-se ao redor de um fluxo que não se fixa, mas não para de pedir atenção. Quando, como e em que circunstâncias surgem as ideias? O que são? Como se manifestam na Educação? Que séries nos dão a ver, sentir e viver, um cosmos diante do caos? Quem são nossos parceiros intercessores? Em que vozes encontramos cer-

to tom e ritmo para repercutir com as nossas próprias vozes? Quais são os sons que nos doam a alegria e a força para colocar-nos a dançar e, ainda, continuar a acreditar na dança? Que dança é essa, a dos encéfalos acesos? Que dança é essa que me fez e me faz docente? Qual o dinamismo criador – potencial – de uma aula? Com essas perguntas e outras que virão, e tantas que já se foram, perspectivamos nossa pesquisa.

Agradeço a presença de vocês e, principalmente, o aceite de Sandra¹ ao convite. Este evento nos serve [assim o significamos], como um ritual de passagem que inaugura o AtEdPo – Ateliê de Educação Potencial². As atividades que dão possibilidade à formação do Ateliê começaram em algum momento que não sabemos precisar. Entre 2005 e 2008 formei, com Letícia Testa, um grupo de estudos e atividades que giravam em torno de um conjunto de ações que denominamos de *Espaços de contágio*; depois desse período veio o tempo de UFRGS, doutorado, pós-doutorado junto a atividades de docência e pesquisa como professor substituto e efetivo – mas, definitivamente, podemos afirmar que ganha a forma de um grupo de estudos e trabalhos – que mimetizam algo do OuLiPo – na sexta-feira 24 de novembro de 2017, ano em que passo a orientar junto ao PPGEDU/UFRGS. No entanto, o que importa para esse conjunto de pessoas que se reúnem para produzir textos e suas reverberações em torno de temas dispersos, mas que versam sobre Educação, filosofia, literatura, artes e, também, ciências é que tudo tomou forma no DIF [Linha de Pesquisa Filosofias da Diferença e Educação], principalmente, nas atividades realizadas junto a Sandra Corazza e seu Grupo de pesquisa. Este é um dos motivos para que ela seja a nossa convidada de hoje. [Digo “um dos”, pois existem outros, obviamente].

Quando falamos que o AtEdPo mimetiza algo do OuLiPo³ é porque é disso mesmo que se trata: incorporar uma atividade que tome um fazer em Educação assim como o OuLiPo toma um fazer em literatura, aliás, nos interessa misturar esses registros e modos de fazer.

O fazer do OuLiPo é um fazer que procura mostrar a multiplicidade potencial do narrável, o nosso, a sua vez, trata a potencialidade da combinatória de experiências, informações, leituras, imaginações que comportam a docência e as possibilidades de narrá-la sem falar do vivível e vivido, mas cavar essas potencialidades na tentativa de alcançar meios de fazer ler pela linguagem escrita “uma passagem de vida”.

1 Trata-se da Professora Doutora Sandra Mara Corazza

2 Grupo de estudos, orientação e pesquisa. www.ufrgs.br/atedpo

3 www.oulipo.net

A nossa pesquisa é, assim, da escrita, pela escrita, com a escrita e seus modos de fazer, a tal ponto que nos tornemos outra coisa que não escritores. Nos tornemos nós mesmos, talvez. Porque, antes de tudo, escrevemos mal [no planisfério que habitamos] e gostaríamos de fazê-lo, cada vez mais, como se pudéssemos entrar numa linha de escrita que nos entregasse um texto de língua exilada. Como deixar de ser acadêmico, na escrita e pela escrita, sem deixar de sê-lo? Como escapar dos -ismos disciplinares sem deixar de ser: cientista social, geógrafo, artista, historiador, educador físico?

Temos notícia de que para escrever é necessário perder-se na escrita e, para perder-se nela, é preciso estar nela. É, estando nela, que queremos escrever cada vez mais, com gagueiras invencíveis, sintaxe truncada, palavras inventadas numa interlíngua de nós mesmos. Escrever mal como souberam fazer: Wilson Bueno, Roberto Arlt, Onetti. Escrever mal como um gênio da escrita; escrever mal, como aquele que lê mal ou lê deslocado das grandes correntes. Lê pelo seu próprio gosto e conta, lê, e lê muito e, por isso, escreve, pois precisa de fôlego para seguir lendo. Escrever mal se avizinha a uma escrita que escolhe não se condenar à explicação. Que não se dobra à tradução, pois esta seria sempre impossível no estrangeiro; a tradução, a rigor, seria algo como desfazer o que fez literária a literatura (nos diz César Aira). É acreditar que não se pode ler um texto sem, ao mesmo tempo, fazer dele uma ficção. E a ficção nos interessa como esse salto que damos ao inverificável; “[...] a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento de uma suposta realidade objetiva, mergulha em sua turbulência, desdenha da atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como é essa realidade. A ficção não é uma claudicação ante tal ou qual ética da verdade, mas uma busca de uma um pouco menos rudimentar” (Saer, 2014), a verdade da ficção.

[Para caminhar para o fim de nossa apresentação.]

Gostaríamos de lembrar que aquilo que mimetizamos, ou seja, o OuLiPo [ou melhor, mimetizamos certa atitude do OuLiPo] foi fundado em 1960 e surgiu em uma reunião do colégio da Patafísica. Esse colégio se reunia para o estudo de soluções imaginárias e leis que regem as exceções. Se lembrarmos dos escritos do Dr. Faustroll, precisaremos entender que a Patafísica — como ciência que regula as exceções — valia-se de certa tradição do fazer e do pensar [há uma lista de referências no livro de Jarry]. Aos que constituíam essa tradição por meio daquilo que escreviam, os patafísicos lhes outorgavam certos títulos, um desses títulos era o de sátrapa. A palavra sátrapa remete à alcunha dada aos governadores de províncias na antiga Pérsia ou região do Império Babilônico ou algo assim. No Colégio de Patafísica os sátrapas agiam como protetores

ou promotores insígnies da Ordem da grande *Guidouille* (Barriga do Pai Ubu); Boris Vian e Marcel Duchamp foram sátrapas do Colégio de Patafísica.

Hoje, num gesto silencioso, mas cheio de barulho interno, convidamos Sandra Mara Corazza para que seja, de algum modo, nossa sátrapa ao inaugurar o AtEdPo.

Sabemos, e não nos enganamos quanto a isso, que não existe soberania auto-fundadora. Se falamos em fundação ou inauguração é porque, também, apostamos em certa possibilidade de constituir uma política que cultive, nesse gesto, certa *politesse* diante da polícia que tem se apresentado nas instâncias da pesquisa (Antelo, 2011). Parece haver um vapor, meio denso, que tem insistido em afirmar a pesquisa por meio de uma ordem vinculada ao controle. Não diria contra essa ordem, mas para além dela, apesar dela e, também, com ela queremos apostar em uma pesquisa que nos dê algo a conhecer. Como nos diz Calvino (2000), ao falar sobre Carlo Emilio Gadda: “[...] conhecer é inserir algo no real; é, portanto, deformar o real”. Conhecer, deste modo, seria representar deformando e, como por uma ação especular, esse processo age na deformação e desfiguração de nós mesmos. Trata-se de uma maneira de buscar operar sem atenuar “[...] a presença simultânea dos elementos mais heterogêneos que concorrem para a determinação de cada evento” e nosso evento primeiro seria, sempre e a cada vez, a leitura e a tarefa de escrevê-la, pois, entendemos que, ao acreditar que estamos escrevendo nossas leituras, estamos escrevendo nossas vidas (Piglia, 2004).

Referências

- AIRA, Cesar. **Nouvelles Impressions du Petit Maroc**. Tradução Joca Wolff. Desterro, Coleção Parrhesia. Cultura e Barbárie, 2011.
- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- ANTELO, Raul. A pesquisa como desejo do Vazio. In.: Anais do I Seminário dos alunos da pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. **Conferência de Abertura**. Florianópolis, SC. 2011, p. 08-39.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- JARRY, Alfred. **Gestes et opinions du Docteur Faustroll**. Pataphysicien. Roman néo-scientifique, suive de spéculations. Paris. Bibliothèque-Charpentier, 11, Rue de Grenelle, 11. 1911. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113964m.texteImage>
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAER, Juan José. **El concepto de ficción**. Buenos Aires: Seix Barral, 2014.